

Redação em Gotas

Edição nº 8

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: O gerúndio, o particípio e o infinitivo. Parte segunda.

Os véus desvelados.

Se o gerúndio, metaforicamente, parece ser a forma nominal das mulheres, o particípio e o infinitivo são as formas nominais das saudades. O particípio associa-se à finalização e à conclusão das ações. O infinitivo, pessoal ou impessoal, é o nome dos verbos. No nosso quotidiano, como partes ou como julgadores, utilizamos todas as formas nominais e – embora haja acertos – ainda nos apegamos às antigas formas. Quais as dicas? Elas são bem simples: 1) evitar os gerundismos – Nada de “*Vou estar estudando o processo*”; 2) identificar o sujeito e concordá-lo com o verbo.

Sobre os tempos tecidos com as linhas do esquecimento, aquele véu a proteger os desertos de nossa memória e as murchas e ressequidas flores dos afetos outrora perfumadas, desvela-se o rosto de uma bela jurista, **Novella D’Andrea**. Professora da Universidade de Bolonha, nascida por volta de 1333, dotada de beleza ímpar, cobria-se com um véu ou acobertava-se com um cortinado para que não houvesse distração entre os seus alunos.¹ A fugidia beleza atende às sensações visíveis ou atende à coragem infinita e à bondade atuante?

Em 1405, veio a lume o livro “A cidade das damas”, de Christine de Pizan, apresentando três damas: A Razão, a Retidão e a Justiça. A Justiça, a dama de nobre figura, diz o seu propósito e enuncia a sua missão naquela sociedade cercada pelos arrebois de uma época que se esvanecia, repleta de infinitivos:

“ (...) Não pendo para nenhum lado, porque não tenho nem amigo nem inimigo e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove. Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. (...)”²

Folhas lançadas ao vento; rúbidas manchas de sangue, sofrimento e dor; suaves melodias tocadas e as florações e os ocasos de muitas vidas resvalaram na poeira dos séculos. *Qual dama deverá ser vencida pela piedade e comovida pela crueldade?* A Justiça não é menor quando as dores humanas escrevem a sua história e quando a sublimidade da alma é descortinada e desvelada.

No século XX, a civilização definitivamente foi violada. **Jamais esqueceremos**. Aracy Guimarães Rosa, o “Anjo de Hamburgo”, trabalhando na Seção de Passaportes do consulado brasileiro na Alemanha, liberou vistos aos judeus, livrando-os da perseguição nazista e da Shoá. Perguntada por que o fez, muitos anos depois, ela simplesmente disse: “*Porque era justo*”³. Guimarães Rosa dedicou-lhe “Grande Sertão Veredas”: “A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro”.

O nome escrito com as tintas da eternidade. As chamadas que não se apagam.

¹ Cf. COSTA, Marcos Roberto Nunes e COSTA, Rafael Ferreira. *Mulheres Intelectuais na Idade Média*. Entre a Medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia, a Teologia e a Mística. Porto Alegre: Editora Fi. 2019. p. 242. A história original é narrada por Christine de Pizan.

² CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário de Christina de Pizan*. Tese (Doutorado em Estudo e Tradução) - Universidade Federal de Pernambuco. 2006. p. 129. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-1125/a-cidade-das-damas--a-construcao-da-memoria-feminina-no-imaginario-utopico-de-christine-de-pizan>. Acesso em: 11 jan.2021.

³ VEIGA, Edison. *A brasileira que salvou judeus do Holocausto*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-brasileira-que-salvou-judeus-do-holocausto/a-51621847>. Acesso em: 11 jan.2021.